

# Governo faz economia recorde

BRASIL

## Superávit primário fica acima da meta acertada com o FMI

ALEX RIBEIRO

BRASÍLIA – O Banco Central anunciou ontem que o superávit primário do setor público (receita menos despesas sem contar gastos com juros) bateu o recorde em maio de R\$ 5,839 bilhões. Com o resultado, União, Estados, municípios e estatais acumulam, nos primeiros quatro meses do ano, um resultado primário de R\$ 38,268 bilhões, acima da meta de R\$ 32,6 bilhões para o primeiro semestre imposta pelo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Nos 12 meses encerrados em

maio, o superávit primário representa 4,29% do Produto Interno Bruto (soma de todas as riquezas do país), acima da trajetória necessária para atingir a meta de 4,25% no resultado anual de 2004.

O destaque negativo ficou por conta do desempenho das estatais federais, que registraram déficit de R\$ 735 milhões.

– Esse resultado se deve à distribuição de dividendos por uma empresa estatal – explicou o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes. Segundo ele, uma empresa distribuiu R\$ 2,3 bilhões aos acionistas, dos quais R\$ 800 milhões foram para o governo federal.

Após dois meses com resultados positivos, o setor público voltou a apresentar déficit nominal

no mês passado, de R\$ 4,844 bilhões. O valor registrado de janeiro a maio de 2004, entretanto, é de apenas 2,1% do PIB, bem abaixo dos 4,58% no mesmo período de 2003.

Os dados mostram que não se confirmou o receio de que a alta do dólar em maio pudesse causar uma forte deterioração no principal indicador da solvência do governo, a dívida líquida do setor público, que terminou o mês em 56,8% do PIB. O percentual está ligeiramente acima dos 56,5% registrados um mês antes, mas bem abaixo dos 57,6% previstos pelo Banco Central.

A cotação do dólar disparou em maio, atingindo o pico de R\$ 3,24 em meados do mês. Essa forte desvalorização do real levou especialistas e o próprio BC a traçarem um

cenário sombrio, já que toda a dívida externa e parte da dívida interna são vinculadas ao câmbio. Mas, no último dia do mês, a cotação da moeda americana já havia recuado e acabou se acomodando em R\$ 3,1291. Isso fez com que o impacto sobre a dívida fosse menor que o previsto.

Como a cotação do dólar tem se comportado favoravelmente em junho, o BC já prevê para este mês um novo recuo da dívida pública. O indicador deve cair a 56,8% do PIB, percentual bem próximo do registrado antes da disparada da cotação do dólar.

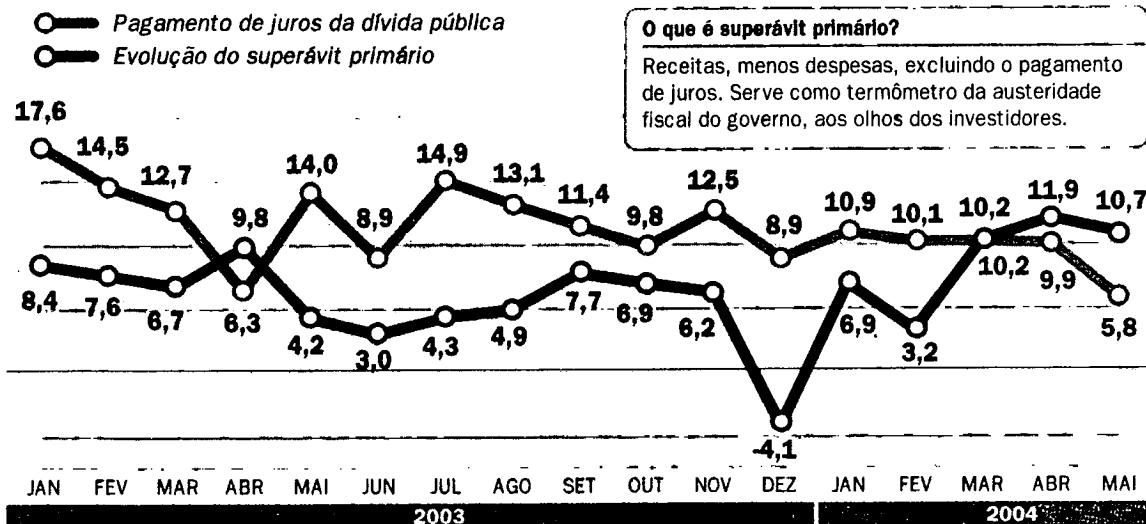
Confirmada essa previsão, a dívida líquida do setor público caminha para registrar em dezembro a primeira queda anual desde 1994. O BC projeta para o encerramento do ano um endividamento de cerca de 57% do PIB, o que significa uma redução de 1,7 ponto percentual em relação ao patamar de dezembro de 2003.

Nos resultados acumulados de janeiro a maio, observa-se uma queda de 1,9 ponto percentual no endividamento, que passou de 58,7% do PIB para 56,8% do PIB. Essa redução vem sendo obtida graças a uma conjunção de fatores: altos superávits primários, juros declinantes e redução da parcela da dívida vinculada ao câmbio. Mas nenhum desses fatores deu uma contribuição mais importante do que o crescimento nominal do PIB.

Segundo os dados apresentados pelo BC, o efeito do crescimento econômico provocou uma queda de 3,94 pontos percentuais na relação dívida/PIB, de janeiro a maio de 2004. O efeito do PIB sobre a dívida líquida não se deve apenas ao crescimento real da economia, mas também à inflação registrada no período. O BC usa índices gerais de preços (IGPs) como um substituto do deflator implícito do PIB. Como houve uma forte inflação no atacado neste início do ano, os IGPs ficaram inflados.

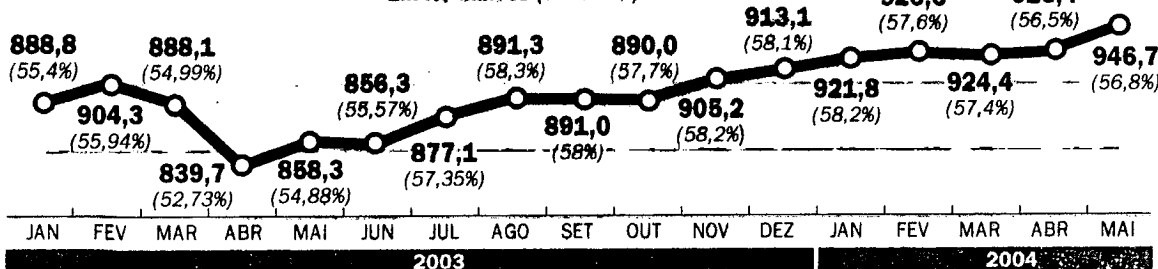
## Alívio nas contas públicas

(em R\$ bilhões)



## EVOLUÇÃO DA DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO

Em R\$ bilhões (% do PIB)



Fonte: Banco Central